

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA, MT, BRASIL

Victor Hugo de Oliveira Henrique¹

Mackson Alexandre¹

Karina Gondolo Gonçalves²

Maria Corette Pasa³

RESUMO: O processo de ensino-aprendizagem inicia-se quando há uma apropriação dos alunos referente a um determinado assunto abordado pelo docente, que possui um papel importante nesta relação. E cabe ao professor proporcionar métodos para esse processo. Dentro desse processo, existe a temática da sexualidade, tema que não é fácil de ser trabalhado em sala de aula, em muitos casos, a família simplesmente se silencia sobre o tema por medo ou por não terem as informações necessárias, como se isso fosse estimular excessivamente a sexualidade dos filhos, fazendo com que as dúvidas referentes ao tema sejam trabalhadas na escola. A escola, na maioria das vezes, não está preparada, embora esse seja um dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais a ser trabalhado na educação básica. O professor como um agente importante no processo de ensino-aprendizagem, precisa desenvolver estratégias metodológicas para trabalhar diferentes temas dentro de sala de aula, e para isso ele precisa saber a concepção dos alunos sobre esses temas, visando isso, a pesquisa objetivou compreender a concepção de sexualidade de alunos do Ensino Médio e saber como a expressam, fazendo com que a partir dos resultados, os docentes possam elaborar estratégias metodológicas para trabalhar essa temática nas escolas. Foi aplicado um questionário a trinta alunos do Ensino Médio do Programa Educação para Jovens e Adultos (EJA) de uma Escola Municipal de ensino regular. A maior quantidade de alunos se concentra na faixa etária entre os 15 – 18 anos, evidenciando que a maioria dos discentes está vivenciando a adolescência ainda. Com relação ao gênero, houve uma predominância do gênero masculino, com 18 indivíduos, enquanto o feminino com 12. Conversas sobre sexualidade é muito mais frequente entre amigos evidenciando um distanciamento da família para tratar dessa temática. Conclui-se que os alunos, muitos não sabem diferenciar sexualidade de relação sexual. É necessário trabalhar também com os professores e averiguar se estão ou não realmente trabalhando esse tema na sala de aula e a metodologia do trabalho.

Palavras-chave: Saúde; sexualidade; educação

SEXUALITY AND EDUCATION: THE DESIGN OF HIGH SCHOOL STUDENTS OF A PUBLIC SCHOOL, MT, BRAZIL

ABSTRACT-The process of teaching and learning begins when there is an appropriation of the students regarding a particular subject addressed by the teacher, which plays an important role in this relationship. And the teacher should provide methods for this process. Within this process, there is the issue of sexuality, a topic that is not easy to work in the classroom, in many cases, families simply silent on the subject for fear or not having the necessary information, as if that would stimulate excessively the sexuality of children, causing doubts on the subject are worked in school. The school, in most cases, is not prepared, although this is a cross-cutting topics proposed by the National Curricular Parameters to be worked on basic education. The teacher as an important agent in the teaching-learning process, need to develop methodological strategies to work within different themes saddle class, and for that he needs to know the design of the students about these issues, aiming that the research aimed to understand the design sexuality of high school students and know how to express it, making from the results, teachers can develop methodological strategies for working with this topic in schools. A questionnaire was administered to thirty high school students in the Education Program for Youth and Adults (EJA) a Municipal School of regular education. The largest amount of students focuses on the age group 15-18 years indicating that most students are still experiencing adolescence.

Regarding gender, there was a male predominance, with 18 individuals, while females with 12. Conversations about sexuality is much more frequent among friends showing a distancing from the

family to deal with this issue. We conclude that students, many do not know the difference between sexuality intercourse. It is also necessary to work with teachers and ascertain whether they are actually working on this topic in the classroom and the work methodology.

Keywords: Health; sexuality; education

¹ Alunos de Graduação em Ciências Biológicas – IB/UFMT – hugo31_oh@hotmail.com

² Mestranda do PPGCFA/UFMT gondolo.karina@gmail.com;

³ Professora do Departamento de Botânica e Ecologia – IB/UF pasame@brturbo.com.br

INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem inicia-se quando há uma apropriação dos alunos referente a um determinado assunto abordado pelo docente, que possui um papel importante nesta relação. O professor deve proporcionar algumas condições necessárias neste processo, especialmente no que diz respeito às estratégias de que se utilizará para efetivar a transposição didática do tema, ou seja, estratégias metodológicas que irá facilitar o entendimento do conhecimento científico, associando-o ao cotidiano do aluno. O saber acadêmico serve de base para legitimar o saber ensinado, cuja mediação é feita pelo professor (RODRIGUES E SCHEID, 2008).

Abordar a temática da sexualidade não é uma tarefa fácil, em muitos casos, a família simplesmente se silencia sobre o tema por medo ou por não terem as informações necessárias, como se isso fosse estimular excessivamente a sexualidade dos filhos, fazendo com que as dúvidas referentes ao tema sejam trabalhadas na escola. A escola, na maioria das vezes, não está preparada, embora esse seja um dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais a ser trabalhado na educação básica. Ainda hoje, o que se vê, são propostas não bem elaboradas, com professores trabalhando a sexualidade apenas quando surge algum “problema”, como gravidez na adolescência ou algum estudante com DST (MENEZES, 2012).

A sexualidade pode ser compreendida por meio de aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais e corresponde um conjunto de concepções e valores que envolvem a intencionalidade humana e a expressão afetiva de cunho social e histórico. A sexualidade envolve, então, uma amplitude de condutas humanas, para além de sua genitalidade e não deve ser entendida, exclusivamente, como sinônimo de sexo, relação sexual, orgasmo, órgãos sexuais, mas sim, na sua dimensão ampla e cultural que abrange diferentes sentidos, como o amor, relacionamentos afetivos e sexuais, a sensualidade, o erotismo e o prazer, a expressão da identidade e dos papéis sexuais. Ela inicia-se a partir das primeiras experiências afetivas do bebê com os pais ou com qualquer outra pessoa que esteja em constante contato com ele (HEILBORN et al, 2006).

A sexualidade envolve não apenas a conduta sexual do indivíduo, o ato sexual e a reprodução, mas também, tudo aquilo que remete às situações que nos proporcionam prazer, como os afetos, desejos, a nossa relação com o próprio corpo, as relações interpessoais, bem como o papel sexual que a pessoa exerce (SCHLIEMANN, 2005)

Percebe-se então, que a sexualidade faz parte sociedade, é uma questão de

cidadania. Neste sentido, o entendimento da sexualidade deve proporcionar uma reflexão voltada para as múltiplas formas de manifestações humana e o lugar que estas manifestações ocupam em nossa sociedade, como o sexo, o desejo, o medo, o amor, o corpo biológico e os papéis sócias/sexuais.

No passado falar de sexualidade dentro do contexto da escola com os alunos era um afronto para a sociedade e o professor era punido de alguma forma. Com isso, questões sobre sexualidade do aluno era omitida dentro da instituição escolar. Segundo TIBA (1994): "Durante muito tempo, a sexualidade foi solenemente ignorada pelas escolas. Os professores agiam como se seus alunos fossem seres assexuados, mesmo quando chegavam à adolescência. Não podia ser diferente; afinal, toda sociedade o tema sexo entre quatro paredes. O melhor método, portanto era não tocar no assunto e deixar que a natureza se encarregasse de ensinar os alunos o que estava se passando. E como a ordem era reprimir a sexualidade, melhor seria não tocar no assunto para não despertá-la"

Notadamente observa-se que durante anos o tabu, o preconceito, o medo, o despreparo e os mitos tomavam conta do tema sexualidade, e que a escola, especificamente, os professores camuflavam o assunto com as censuras sublimadas. Toda sociedade repudiava qualquer tentativa de insipiência no tocante desse assunto, que deveria ser reprimido para não corromper os adolescentes. Assim, essa cultura assolou de geração a geração.

Atualmente vivemos em uma época de excessos de estímulos sexual em que a mídia promove certo incentivo para o ato sexual sem dar a mínima noção de segurança. A questão moral está hoje obscurecida por inquietações sobre o impacto do sexo na qualidade de vida do indivíduo. A televisão, o cinema, a imprensa, a propaganda, inundando o cotidiano dos jovens com apelos sexuais jamais vistos por outra geração. E é daí que nasce a fantasia de que toda relação sexual é maravilhosa; visto que o adolescente se deixa influenciar por esse bombardeio. Por este princípio, percebe-se que o espaço da escola deve ser valorizado para se discutir questões em torno da sexualidade, não como controladora da vontade do sujeito, mas, como instância propiciadora de reflexão sobre a temática.

A temática sexualidade dentro da escola, muitas vezes é delega ao professor de Ciências e/ou de Biologia o papel de orientador sexual, trabalho que deveria ser de toda a comunidade escolar, conforme prevêm os temas transversais dos PCNs (BRASIL, 1997). Como os conteúdos a serem trabalhados são muitos, e as escolas, em sua maioria, não têm

um projeto multidisciplinar para trabalhar essa temática, a sexualidade acaba sendo abordada nas aulas de Biologia e/ou de Ciências, que trabalham apenas os aspectos biológicos, tais como aparelho reprodutor masculino e feminino, os órgãos sexuais, as DST's e os métodos contraceptivos, sem trabalhar os aspectos psicológicos e socioculturais (RODRIGUES E SCHEID, 2008).

O professor como um agente importante no processo de ensino-aprendizagem, precisa desenvolver estratégias metodológicas para trabalhar diferentes temas dentro de sala de aula, e para isso ele precisa saber a concepção dos alunos sobre esses temas, visando isso, a pesquisa objetivou compreender a concepção de sexualidade de alunos do Ensino Médio e saber como a expressam, fazendo com que a partir dos resultados, os docentes possam elaborar estratégias metodológicas para trabalhar essa temática nas escolas.

METODOLOGIA

Foi aplicado um questionário a trinta alunos com perguntas fechadas, os estudantes eram do Ensino Médio do Programa Educação para Jovens e Adultos (EJA) de uma Escola Municipal de ensino regular. Foram questionados sobre diferentes aspectos da temática sexualidade, tais como personalidade dos alunos, uso de métodos contraceptivos, interferência da família na expressão da sexualidade, meios de buscar informações sobre o tema e atividades que gostariam que fossem desenvolvidas nas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A maior quantidade de alunos se concentra na faixa etária entre os 15 – 18 anos (Tabela 1), evidenciando que a maioria dos discentes estão vivenciando a adolescência ainda. Fase que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Com isso essa fase caracteriza-se por alterações em diversos níveis - físico, mental e social - e representa para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios típicos da infância e de aquisição de características e competências que o capacitem a assumir os deveres e papéis sociais do adulto.

“A sensação da mudança do corpo de criança para adolescente traz conflitos para o jovem, que antes tinha controle sobre seu corpo e, é preciso aprender a lidar não apenas com ele, mas também com o desejo e a nova

sexualidade que desponta desencadeia pensamentos, sensações e, conseqüentemente, comportamentos que provocam um turbilhão de dúvidas e de emoções até então desconhecidas.” (HARDOIM; MIYAZAKI, 2012).

TABELA 1 - Idade

15 - 18 anos	11
19 - 22 anos	4
Acima de 22 anos	7
Não responderam	8
Total	30

Com relação ao gênero, houve uma predominância do gênero Masculino, com 18 indivíduos, enquanto o Feminino com 12. Quando questionados sobre a orientação sexual, os respondentes, em sua maioria, se auto afirmaram heterossexuais (Tabela 2).

TABELA 2 - Orientação Sexual dos alunos

Heterossexual	21
Homossexual	4
Bissexual	1
Não responderam	4
Total	30

Conversas sobre sexualidade é muito mais frequente entre amigos (Tabela 3), evidenciando um distanciamento da família para tratar dessa temática. Muitos pais acham que seus filhos são incapazes de expressar a sua sexualidade, negligenciando diálogo com os mesmos sobre sexualidade, fazendo com eles recorram aos seus amigos (BARCELOS et al. 2011).

TABELA 3 - Fala com alguém sobre sexualidade?

Sim, amigos	17
Sim, família	2
Sim, com meu parceiro/a	4
Profissional do assunto	2
Não converso com ninguém sobre	5
Não responderam	-
Total	30

Quando questionados sobre a personalidade, a maioria dos alunos se intitulam tímidos (doze alunos), atirados (oito alunos), calmos (quatro alunos), líderes (três alunos), nervoso/ansioso (um aluno) e dois alunos não responderam a essa questão.

Esses dados ajudam a interpretar os dados da Tabela 03, o fato de a maioria dos

alunos, se considerarem tímidos, faz com que eles se interrelacionem melhor com seus amigos, já que a família não orienta muito seus filhos nesta temática. Dada a relevância do tema, acreditamos que deva haver clara discussão sobre a temática entre adultos e adolescentes inexperientes.

A maioria dos alunos concordam que deve trabalhar com educação sexual nas escolas, realizando principalmente, aulas de educação sexual e palestras, seguido de filmes com debates (Tabela 04).

TABELA 04. Deve-se trabalhar com educação sexual nas escolas?

Sim, com palestras e aulas sobre o tema	22
Sim, com filmes e debates	8
Não deve haver aulas sobre o tema nas escolas	-
Não responderam	-
Total	30

Tentar compreender as relações humanas e as sexualidades por meio de filmes, sejam eles quais forem, desde que abordem o assunto, não é algo simplório, dada a dimensão da temática e grande falta de informação que afeta a muitas pessoas. É importante, e preciso, o entendimento da dimensão do tema, e que os assuntos abordados dentro da sexualidade estão ficando cada vez mais diversificados.

Pensando nisso, o cinema entra como uma alternativa simples, todavia sem deixar de ser sério e crítico, de abordar aspectos pontuais relacionados às diversas manifestações da sexualidade (CHASKO E PREVIATO, 2013).

No caso do uso do cinema para a formação e informação acerca das questões da sexualidade, diversidade sexual e de gênero, os participantes “são capazes de se identificar com o drama, sofrer com o personagem (...), pois o sofrimento e as alegrias no filme representados dizem respeito à condição humana.” (ARAUJO; VOSS, 2009).

Não houve uma diferença significativa em relação a interferência da família na sexualidade (Tabela 05). Isso pelo fato de ainda conservarem certos valores. Valores morais são as coisas aprendidas como direitas ou erradas, desejáveis ou indesejáveis, de acordo com os costumes da cultura em que estamos inseridos. Os valores morais são reforçados pelo exemplo de pais, parentes, e, em alguns exemplos, pela lei.

Relacionado aos valores distorcidos na educação sexual, podem surgir tabus, mitos, medos, desinformação, conflitos, preocupação, pseudoesclarecimentos, pseudoaceitação das questões sexuais, banalização e vulgarização da sexualidade, prostituição infantil, abuso sexual, pornografia e o moralismo (POZZA, 2013).

TABELA 05 - Influência da família na sexualidade

Sim, conversei com a família sobre o tema	12
Não, minha família não fala sobre o tema	18
Não responderam	-
Total	30

A consciência do uso de métodos contraceptivos é bem forte, tanto entre os alunos (Tabela 06) e a fonte de informações mais usadas pelos alunos sobre sexualidade é a Internet (Tabela 07).

Para o professor, tratar esta temática abordada - a sexualidade, pode se tornar ainda mais difícil quando o público alvo de nossa orientação está composto por adolescentes, visto que se somam duas dificuldades: a abordagem do tema que, em geral, está revestido de mitos e tabus.

TABELA 06 - Virgindade e uso de método contraceptivo

Não virgem e uso de preservativo	16
Não virgem e não faz uso de método algum	1
Não virgem e uso de pílula e preservativo	3
Não virgem e uso de pílula	4
Virgem	5
Não responderam	1
Total	30

Tabela 07 - Informações sobre sexualidade

Família	3
Professor	3
Internet	11
Tv	6
Jornais	-
Revistas	1
Outros	5
Não responderam	1
Total	30

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os alunos, muitos não sabem diferenciar sexualidade de relação sexual.

É necessário trabalhar também com os professores e averiguar se estão ou não

realmente trabalhando esse tema na sala de aula e a metodologia do trabalho.

A pesquisa foi importante para saber o conhecimento prévio dos alunos e desmistificar alguns tabus quanto a sexualidade, mas é necessário criar metodologias específicas para trabalhar a sexualidade com os alunos.

Acreditamos, assim como Haguette (1995), que a educação para uma saúde sexual e livre expressão da sexualidade, é uma das instâncias que poderão responder à necessidade de transformação social, dado seu papel da educação como de transmissora do conhecimento, formadora do pensar e responsável pela mudança de comportamentos.

Entendemos que nossa caminhada na busca de um modelo educativo, que diminua as dificuldades de se trabalhar esta temática, ainda será longa, mas certamente um grande passo para resgatar a este grupo o direito à liberdade para pensar livremente e assumir idéias de acordo com sua própria convicção. A base para esses trabalhos, sem dúvida, é a pesquisa. Embora muito mais mudanças sejam necessárias, espera-se que a educação sexual possa ser uma chave para reduzir o risco de rupturas nas famílias, o aumento da autoconfiança, e o encorajamento nos relacionamentos.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARAUJO, A. R.; VOSS, R. C. R. CINEMA EM SALA DE AULA identificação e projeção no ensino/aprendizagem da Língua Inglesa In: Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009.

BARCELOS, N. N. S.; JACOBUECCI, D. F. C.; Estratégias Didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias Vol 10, Nº 2, 334-345 (2011)

CHASKO, J.; PREVIATO, R.; Mostra de Cinema da Diversidade Sexual em Cascavel: Cinema em ambiente escolar. In XI Encontro Nacional Universitário sobre Diversidade Sexual. 2013, Matinhos/PR - UFPR. Anais do XI Encontro Nacional Universitário sobre Diversidade Sexual.

CRUZ, A. C.; OLIVEIRA, S. M. P. Sexualidade do adolescente: Um Novo Olhar sem Mitos e Preconceitos. Monografia (Graduação em Pedagogia - UNAMA) Belém/PA, 2002.

HEILBORN, M.L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D.R.; (Org.) O Aprendizado da Sexualidade. Rio de Janeiro: Garamon e Fiocruz. 2006. 536p.

MENEZES, C. S.; Orientação sexual na prática de ensino de biologia: sexualidade e relações de gênero no estágio curricular. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

PINHEIRO, A. L.; LEAL, I. Sexualidade na deficiência mental. Revista Integrar, 2005.

POZZA,P. Sexualidade e valores. Disponível em: [http://www.notisul.com.br/n/columnas/sexualidade e valores-26196](http://www.notisul.com.br/n/columnas/sexualidade_e_valores-26196). Acesso em 01.8.14

RODRIGUES, L. R.; SCHEID, N. M. J.; Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto. Educação, v. 33, n. 3, set/dez. 2008.

SCHLIEMANN, A. P. Sexualidade – adolescência – deficiência mental: um desafio a pensar. In: Simpósio Internacional do Adolescente, 2., 2005. São Paulo. São Paulo: Faculdade de Psicologia da PUC/SP - Departamento de Psicologia do Desenvolvimento, 2005.

TIBA, I.; Adolescência: O despertador do sexo. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.

HARDOIM, E. L.; MIYAZAKI, R.S.; Saúde e Sexualidade. Cuiabá: UAB/UFMT, 2012.